



## PIPAS: ABRINDO PORTAS PARA VOAR PELO ESPAÇO DA PEDAGOGIA SOCIAL

Ricarda de Carvalho Jorge Gil

### RESUMO

Na busca de auxílio aos mais vulneráveis e no confronto com campos de pesquisa, vi a necessidade de ampliar meu conhecimento e me agregar a um grupo que fizesse a diferença nesse processo de aprimoramento do meu trajeto de formação. Desse modo, vinculei-me a um grupo de pesquisa que me proporcionou ver que as ações do nosso dia a dia podem ser lapidadas para se tornarem atitudes transformadoras da sociedade: o grupo Pipas/UFF. Nesse sentido, o presente trabalho busca apresentar a diferença que a Pedagogia Social causa na atuação de um pesquisador e nas vidas alcançadas por ações que, pela aceitação e pelo acolhimento, compreendem os indivíduos como seres passíveis de falhas e que, em algum momento, precisarão de um olhar humanizado e acolhedor. Em meio a essa perspectiva, vemos que a inclusão para tratar com equidade os vulneráveis necessita dessa abordagem humanizada para ser efetiva.

**Palavras-chave:** Pedagogia Social. Pipas. Vulneráveis. Inclusão.

### INTRODUÇÃO

[...] o futuro com que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos. É bem verdade que temos de fazê-lo não arbitrariamente, mas com os materiais, como concreto de que dispomos e mais com o projeto, com o sonho por que lutamos (FREIRE, 2013, p. 141).

Sou Ricarda de Carvalho Jorge Gil, percorri cinco décadas e aprendi que, sem projeto ou sonhos, como disse Paulo Freire, não vivemos, não mudamos e não acrescentamos nada por onde passamos. Como educadora, não posso deixar de viver os sonhos de um dia melhor, com uma educação que abra portas, mude vidas e ilumine os que já perderam a luz do sonhar. Estudei em escolas públicas no primeiro e segundo graus, experiência na qual pude vivenciar duas instituições com clientelas bem diferentes. A do primeiro grau, Escola Estadual Visconde de Sepetiba, localizada em Magé, RJ, recebia todos os alunos, mas isso não significava que era um local inclusivo, que tratasse com equidade os alunos mais vulneráveis, tanto que os estudantes criaram uma música que retratava o que os mais velhos sentiam pela instituição. A canção expressa a seguinte informação: *Escola Estadual Visconde de Sepetiba, entra burro e sai estiva*. Só mais tarde fui entender o que eles queriam dizer: a instituição aceitava todos, mas não tratava os diferentes com o cuidado de que necessitavam.



Nesse colégio, era necessário fazer prova para ingressar no denominado *segundo grau*. Ali vi como os alunos eram filtrados e peneirados. Ao longo dos três anos de estudo, não era permitido entrar sem uniforme, de modo que não podia faltar sequer a meia branca nem a substituir por uma de cor preta, por motivo de necessidade, pois isso implicaria a proibição da entrada logo na guarita da escola. Tínhamos de nos adequar ao sistema, e os conteúdos eram lecionados no tempo determinado. Quem tinha dúvidas acerca deles deveria pagar por um professor explicador ou recorrer a alguma boa alma. Caso não conseguisse minimizar a falta de compreensão, o sistema não perdoava: era permitido repetir o ano de escolaridade apenas por duas vezes, sendo que, na terceira reprovação, o aluno era convidado a se retirar da escola.

Concluí o segundo grau e infelizmente tive de interromper meus estudos para trabalhar. O que era para ser uma breve pausa se tornou um longo período devido à dificuldade para ingressar no mercado de trabalho, pois, sem experiência, não tive condições de ser aceita. Sem emprego e sem dinheiro, a roda da vida, em alguns aspectos, fica parada, mas, como disse Freire (2013), o futuro não é algo implacável, inflexível, que não podemos lutar para termos melhorias. Tentei um concurso público e fui em busca de continuar sonhando e ajudar outros a sonharem. Posteriormente, tornei-me professora dos anos iniciais.

Mediante as mudanças nas políticas públicas sobre a aplicação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), o município com o qual eu tinha vínculo de trabalho e onde eu morava estabeleceu uma parceria com a universidade Universidade do Grande Rio (Unigranrio). Dessa forma, a roda começa a girar, e eu ingresso nessa instituição e curso Pedagogia. Entro em um grupo de roda de leitura e, em seguida, um grupo de pesquisa sobre Inclusão nas escolas em Duque de Caxias, na busca por compreender melhor o ambiente da educação. É importante destacar que, nessa época, a inclusão não fazia parte da grade curricular dos formandos em Pedagogia.

A escola foi o local onde me formei e passei a formar outros. Para a conclusão do curso, produzi uma monografia com foco na inclusão nesse espaço. Para isso, fui para o campo pesquisar e comparar o que, na época, era discutido e aplicado nas escolas tidas por inclusivas, já que vivenciei tantas diferenças no meu percurso. Formei-me em Pedagogia, com habilitação em magistério da Educação



Infantil, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio e em Supervisão Escolar.

Com o tempo, a cada ano, surgiam novos desafios, e novas necessidades de me aprimorar apareciam, como o concurso que tentei para ser pedagoga. Agora, além de professora dos anos iniciais, tenho a incumbência de orientadora pedagógica, na segunda matrícula, função que me exige acompanhar o desenvolvimento pedagógico do aluno bem como os conflitos dos professores frente a um público tão diversificado. Trata-se de uma atividade que amplia meu campo de trabalho, conforme afirmou Freire (2011, p. 30–31):

Enquanto ensino continuo buscando, repercurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Não estou mais restrita a uma sala de aula, mas a várias turmas, com vários alunos e suas histórias de vida, bem como a vários professores e seus questionamentos constantes, como se nós, pedagogas, fôssemos oferecer a resposta certa para todas as perguntas. Respostas prontas posso não ter, mas posso construir conhecimentos junto ao grupo, mediante as perguntas e a busca para... Não vou dizer *respondê-las*, pois um pesquisador, um estudioso, abre portas, levanta questões e sugere situações que podem ser propícias ou não. São situações cuja eficácia só será confirmada pela prática.

Nesse percurso na Educação, surgem os laboratórios de informática, e, devido a eles, cursei, na Universidade Federal Fluminense (UFF), uma pós-graduação em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância, o que me permitiu ver a importância da tecnologia no desenvolvimento do educando e no aprimoramento dos sistemas de ensino para melhor atender os discentes, os docentes e os pais. Na busca por compreender melhor os trâmites da parte administrativa, cursei outra especialização, na área de Gestão Escolar, pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Nessa última formação, aprendi que uma gestão deve ser democrática, com uma escuta atenta a todos e com a busca de como e onde agir.

O chão da escola traz-nos muitas situações inusitadas, e, com o acolhimento dos alunos com déficit de aprendizagem, marginalizados, escondidos e invisíveis,



começa uma nova trajetória para aparecerem, o que provoca novos questionamentos e, conseqüentemente, uma nova necessidade de aprender com as diferenças. Nesse sentido, cursei uma pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo.

Percebi, ao longo dessas trajetórias, que a escola hoje tem um crescente público de alunos com ou sem laudo, o que traz para os docentes muitos questionamentos sobre como acolher e tratar, com justiça, aqueles que necessitam ser vistos e incluídos no espaço escolar e na sociedade. A inclusão na educação escolar forma um campo de estudo que nos provoca a conhecer cada vez mais, pois as diferenças apresentam-se de formas variadas. Trata-se de uma porta que se abriu para mim na conclusão da faculdade com a pesquisa para redigir a monografia e que não se fechou mediante sua amplitude de questões que se levantam a cada dia.

### **CONHECENDO O PROJETO PIPAS/UFF**

Com um espírito inquieto em busca de ajudar os outros, aprender e compreender as coisas que surgem ao redor, adentrei o ano pandêmico de 2020. Saio para um congresso de mulheres em Friburgo, RJ, no final de semana, e, quando retorno, recebo a ordem para todos ficarem em casa. As escolas fechadas, com suas reuniões transferidas para o ambiente *online*, despertam novos desafios e levam-nos à adequação à nova realidade proposta.

Como orientadora pedagógica, preciso marcar reuniões com temas pertinentes ao momento e, para isso, convido Angela Gualine para falar ao grupo de professores das escolas onde eu trabalhava. Nesses encontros, ela apresenta a sua pesquisa relacionada à Pedagogia Social. Após esses eventos, mantivemos o contato e a troca de informações sobre esse tema, o qual muito me interessa, pois a Pedagogia Social sempre estava presente em minha vida, mais do que eu imaginava.

Ao pensar sobre esse assunto, resgatei da memória trabalhos que realizei ao longo da vida, indo aonde muitos não desejam ir: saindo de madrugada para ir à Cinelândia com um grupo de jovens e pessoas de meia idade para levarmos comidas e roupas às pessoas necessitadas, cortar cabelo, fazer curativo e criar oportunidades para quem desejasse ir para um abrigo, com o objetivo de a pessoa



carente reestruturar a vida e ter um novo objetivo, longe de uma realidade miserável, solitária e desconfortável.

Notei, entretanto, que, ao ouvir sobre a Pedagogia Social, percebi que isso era o início de algo mais. Vi que, além do auxílio material e emocional, podemos levar as pessoas a conhecerem seus direitos e lutarem por uma vida fundamentada nas leis e nos direitos estabelecidos. Dessa forma, a necessidade de explorar novos horizontes leva-me a falar de minha necessidade de voltar a estudar. Imediatamente, então, sou apresentada à professora Margareth Martins, que me acolhe no Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Crianças e Jovens e Situação de Vulnerabilidades, também chamado de Pipas/UFF.

Após ingressar nele, passo a participar das reuniões e ler os textos indicados. Noto, então, que também posso elaborar meu portfólio a partir da experiência que estava vivendo com um grupo de apoio a mulheres. Vejo que aquelas ações têm nomes, não são meras assistências, mas, sim, Pedagogia Social, pois trata-se, como disse professora Margareth Martins (2019, p. X), de “Uma pedagogia que luta no presente, para superar a exclusão do passado, e projetar o futuro”. Em meio à pandemia, vi as pessoas sofrendo essa exclusão com a perda de emprego e da liberdade de ir e vir, a falta do abraço, do acolhimento e do ósculo tão comum em nossa prática social, mas que, agora, tornou-se algo inaceitável, com o intuito de proteger a vida.

Aprendi com a professora Margareth Martins (2015) sobre os três “As”. A da *aceitação*, do *acolhimento* e da *aprendizagem*. Vi que onde há pessoas em situação de vulnerabilidade pode ocorrer a aceitação de suas necessidades, suas perdas e suas decepções. Pode-se acolher ouvindo, distribuindo alimentos e proporcionando meios para que a pessoa tenha como reorganizar sua vida. Já o “a” da aprendizagem indica também que nunca é tarde para aprender. Nesse sentido, a pandemia causada pela covid-19 desafiou-nos a lidar com a distância, com a morte em larga escala, com a falta de recursos e com a necessidade de manter a sanidade e ser resiliente, algo fundamental para dar continuidade à vida.

O grupo de base para o portfólio foi o *Mulheres de Fé*, que se iniciou com um congresso de mulheres em Friburgo e se estendeu pelos municípios do Rio de Janeiro. Em Niterói, o grupo foi fundado por Adrian Diniz, em 2015, com o propósito

de promover reuniões e palestras para mulheres. Com a pandemia, o grupo tornou-se um veículo de apoio, acolhimento e ajuda.

A Pedagogia Social sempre esteve presente em minha vida, mas eu não tinha esse conhecimento. Desde quando eu era jovem, participei de grupos que fazem ações sociais nas ruas ou em comunidades carentes, por isso, com a pandemia, senti a necessidade de integrar algum grupo que acolhesse e ajudasse o próximo.

No grupo *Mulheres de Fé*, pude auxiliar os que se encontravam em necessidades emergenciais, assim como ouvir as mulheres e suas dores, suas decepções e suas necessidades. Também tive a oportunidade de realizar arrecadações de alimentos para atender moradores de rua, creches, uma mãe adotiva de dois gêmeos, idosos e doentes, obtendo, para esses dois últimos, doações de fraudas geriátricas.

Todos os dias, reuníamos-nos pelo *Google Meet* às 18 horas para iniciar um momento de refletir, ouvir umas as outras e incentivar com palavras de força e de coragem, mas nunca permanecendo só nas palavras, mas agindo também quando necessário. Isso fortaleceu e uniu aquelas mulheres, que iniciaram as reuniões sem propósito de auxiliarem outros por estarem trancadas em suas casas, mas que agora viram que podiam fazer muito umas pelas outras e ajudar outros que precisassem. A Figura 1, apresentada a seguir, ilustra um desses encontros virtuais.

**Figura 1** — Reunião no Google Meet



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Foram feitas campanhas de cobertores para entregar aos moradores de rua, pois, naquele ano, o inverno foi rigoroso. Além disso, um pouco de cuidado para aquecer um coração desesperançado nunca é demais. O grupo também arrecadou

roupas para vestir os necessitados e chinelos para calçar os que, em noites frias, pisavam o chão gelado das ruas escuras e sujas. No mais, foram produzidas quentinhas para minimizar a fome e permitir um novo dia com outras oportunidades. As Figuras 2 e 3, dispostas a seguir, apresentam, respectivamente, a campanha dos cobertores e a das cestas básicas.

**Figura 2** — Campanha dos cobertores



Fonte: dados da pesquisa (2020).

**Figura 3** — Campanha das cestas básicas



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Esses materiais foram entregues nas ruas de São Gonçalo e Niterói, tornando-se uma ajuda que chegou até Itaboraí: conseguimos auxiliar uma família que acolheu os sobrinhos recém-nascidos, mas que não tinha recursos para suprir a necessidade física das crianças. Um pouco de roupas, comida, leite e até um banheiro foram possibilitados para que aquelas crianças não ficassem sem um lar e fossem mais duas na estatística de crianças abandonadas.

As campanhas também alegraram as crianças de uma creche, com a entrega de lanches e brinquedos, conforme ilustra a Figura 3, a seguir, em comemoração ao Dia das Crianças. Com o grupo, vivenciei o alcance de ações que, sozinha, não conseguiria realizar, mas, quando unimos as forças, fizemos coisas que nem imaginávamos ser possíveis de serem feitas.

**Figura 4** — Doação de brinquedos para creche



Fonte: dados da pesquisa (2020).

Por meio das ações, ouvimos quem precisava esvaziar seus sentimentos, e vi a dor do desamparo, a falta de oportunidade, mas a cooperação dos integrantes do grupo permitiu-nos enxergar o sorriso, a alegria e a esperança surgirem nos corações de quem pensava que não tinha mais como prosseguir. Com isso, apresentei meu primeiro trabalho no grupo Pipas, uma organização que me permitiu abrir portas para voar pelos espaços da Pedagogia Social.



Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.  
Rubem Alves

Hoje, no grupo Pipas, inicio uma jornada de levar a outros a diferença que traz a Pedagogia Social em nossa vida e nos grupos sociais de que participamos. Ela não se restringe ao chão da escola, sendo acessível a todas as pessoas que enxergam aqueles que, muitas vezes, passam como invisíveis na sociedade. Essa pessoa está sensível a praticar a Pedagogia Social.

No grupo Pipas, tive a oportunidade de compartilhar ideias com outros pedagogos sociais. Juntos, ouvimos e trocamos experiências e passamos a compartilhar as ideias integradas, uma dinâmica muito rica e necessária para o trabalho de harmonizar as vivências e construir um texto. Iniciamos com três componentes na primeira apresentação; na segunda, passamos para cinco, e, em cada apresentação, uma experiência nova surgia. Nunca nos vimos pessoalmente, mas, mesmo no contato virtual, conseguimos nos identificar e nos completamos na prática da Pedagogia Social.

A Pedagogia Social é a liga em meio às diferenças. Vi que, mesmo com funções específicas, ela uniu-nos como a argamassa une os tijolos para formar muros que permitem a proteção e o respeito. Nessa experiência, havia pedagogas, administradora, fisioterapeuta e psicóloga, mas todas tinham um único objetivo: fazer valer a Pedagogia Social na vida dos vulneráveis. Essa diversidade nos completou. Nas reuniões do grupo, apresentamos o tema *Pedagogia social: indo além dos muros da vida*, um momento em que cada uma falou de suas experiências em suas áreas de trabalho ou de experiências que estavam vivendo naquele momento com foco na mudança e na melhoria da vida. Uma vida com mais harmonia, sabor e respeito.

Ser um pedagogo social permite-nos levar um novo olhar para as coisas que estão presentes entre nós todos os dias e que não valorizamos e não respeitamos como deveríamos. Nesse caminhar, alguns temas para apresentação foram divididos entre os integrantes do grupo. O primeiro foi *#muro social e planetária*, cuja abordagem foi realizada por Sandra Butschkau, administradora e pedagoga na busca de uma administração do espaço, do verde e da natureza, aspectos tão importantes para nossa existência. Ela luta por um meio ambiente melhor e, assim,



passou a desenvolver esse tema. Iniciou sua jornada com uma horta escolar e continua propagando essa ideia, pois as mudanças climáticas afetam principalmente os mais vulneráveis, os quais vivem em áreas bastante críticas, com falta de saneamento básico e acúmulo de lixo.

Outro tema apresentado foi *#muro da escola*, o qual teve uma abordagem feita por Helen Lacerda, pedagoga que ama a Educação e vê o quanto esta pode fazer a diferença na vida dos discentes. Já a fisioterapeuta Adriana Petrucio falou acerca do tema *#muro da inclusão*, pois ela viu a diversidade como um meio de construir espaços e oportunidades, e não como meio de segregação. É necessário ratificar os Direitos Humanos para que todos sejam tratados com respeito. Em meio à pandemia, essa última profissional realizou atividades físicas, ainda que *online*, para aqueles que necessitam, como os que apresentam dificuldades na locomoção, diminuindo a distância e, até mesmo, acolhendo um indivíduo que precisava de um cuidado específico.

Eu tive minha participação com o tema *#muro da religiosidade*. Compartilhei as experiências vividas em meio a um grupo de mulheres pertencentes a diversas religiões. Sobre esse assunto, é importante destacar que até a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda a religião, pois esta pode ser um instrumento para lidar com o transcendente e dar sentido a um projeto de vida, além de estabelecer símbolos que despertem o melhor do ser humano.

As apresentações foram finalizadas com a participação da psicóloga e pedagoga Mariangela Valvieste, que encerrou abordando o tema *#muro da gratidão*. Nele a participante trouxe a importância da gratidão, pois a Pedagogia Social imbuída desse sentimento vai além dos muros formais da aprendizagem: vai aos sentimentos e leva o indivíduo a olhar uma circunstância e, em seguida, perceber uma oportunidade, deixando de ver as dificuldades como um fim e passando a considerá-las como um desafio para outro momento.

Isso gera a gratidão, que produz hormônios e sentimentos que elevam o indivíduo e o tiram da condição de subjugado para liderar sua vida e seus desejos, sendo grato, um ser humano mais acolhedor e que lida melhor com as diversidades da vida. Isso é relevante porque, todos os dias, estamos sujeitos a situações desagradáveis, mas o que faz a diferença é o modo como lidamos com esses contratempos. Gratidão é o que todo Pedagogo Social deve levar ao próximo.



Os encontros do grupo Pipas são sempre feitos com o propósito de levar tanto quem participa com suas contribuições e experiências quanto quem assiste às apresentações a refletir sobre o que é a Pedagogia Social, o que temos feito ou o que podemos melhorar na realidade ao nosso redor. Viver não tem receita pronta, e, para isso, precisamos empinar as nossas pipas cada vez mais alto e dar mais linha nelas para que elas nos mostrem outros meios de voar.

No grupo Pipas, a aprendizagem não para. Estive nele para ser avaliada, falar das minhas experiências e apresentar meu portfólio. Senti o nervosismo por outros estarem me ouvindo, analisando e comparando o que fiz com outras ações existentes, mas aprender é se colocar no risco, é ser alvo, é viver intensamente. Isso traz à memória as sábias palavras de Edgar Morin (2000, p. 100), quando ele diz que

A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas.

Palavras que nos lembra o que é ser um educador social, alguém que busca humanizar, acolher, respeitar, conhecer a história de vida de cada indivíduo para lidar com as diferenças sem condenar, pois é na caminhada, na troca de experiências, que crescemos, aprendemos e amadurecemos.

Esse processo de evolução tem sido árduo para mim, pois fiquei um período longo envolvida com outras situações em minha vida e tive de interromper minha caminhada na vida acadêmica, o que torna um desafio retomá-la. Acredito, entretanto, que essas dificuldades nos quebrantam, moldam-nos e fazem-nos ter um olhar menos condenatório e mais reflexivo, pois todos nós queremos o melhor, mas, no meio do caminho, pode haver uma pedra, como escreveu Carlos Drummond de Andrade. No nosso caminho, a pedra é nossa, e cabe a cada um resolver o que fará com ela, ou seja, ela pode ser útil ou se tornar um obstáculo intransponível.

De avaliada passei à experiência de avaliadora junto à professora Marcia em um dos encontros. Ouvimos, analisamos, contribuimos e aprendemos, pois, a cada reunião, novos desafios emergiram. Como disse Paulo Freire (2011, p. 13, “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Dessa forma, o professor aprende no processo, no relacionamento, no ouvir e no acolher. Nesse



sentido, estamos no processo de conhecerno-nos e reinventarmo-nos como educadores sociais.

Temos de rever nossos conceitos e pré-conceitos e darmos oportunidade para sermos moldados e melhorados a cada dia, pois só assim faremos a diferença ao falarmos da Pedagogia Social, falarmos de algo que realmente vivemos, amamos e está arraigado em nossas ações, pois, se não mostramos nossas obras, como disse Tiago na Bíblia Sagrada, não temos como comprovar o que dizemos que somos (BÍBLIA, 1995).

O grupo permitiu-nos ingressar na atividade de pesquisa e estarmos em contato com outros pesquisadores mais experientes, que compartilham seus conhecimentos e nos inspiram a darmos mais um passo. Participar da apresentação de um texto é uma tremenda responsabilidade que nos permite sermos forjados. Leva-nos a aprender, pesquisar, ler e explorar as leituras e compartilhar o que foi dito. Tive a oportunidade de apresentar, junto à professora Marcia, a leitura de um texto para os nossos amigos. Foi um momento de troca de conhecimento e de enlace de experiências, moldando-nos e fazendo-nos crescer.

Na roda da vida e no giro do mundo, a roda de conversa é mais um espaço a se explorar, e tivemos diversas experiências marcantes. Falamos da dependência química e da Pedagogia Social na luta de vermos o outro não como um fraco ou doente, mas, sim, como uma pessoa que necessita ser vista e olhada como alguém que, por falta desse acolhimento, mergulhou em um mundo do qual é difícil sair.

Nessa experiência, um dos participantes do grupo perdeu a mãe, e o pedagogo social que leva a esperança também se vê na condição de ser acolhido e acariciado pela vida, para não perder o rumo de seu objetivo de levar os outros a um caminho de uma vida com qualidade. Ser pedagogo social vai além de ouvir, prevenir e criar meios para que o indivíduo não perca a esperança e escape da vida submergindo no caos. É estar inserido nesse processo como parte, como indivíduo, como sujeito. É nesse ir e vir que as experiências positivas e negativas nos estabelecem como Pedagogo Social. Mediante tudo que tenho vivido no grupo e por ver como a Pedagogia Social tem feito a diferença nas vidas das pessoas por ela alcançadas, vejo a importância de essa perspectiva estar presente em minha trajetória como educadora e pedagoga.

Na educação, confrontamo-nos com muitas situações em que a falta de um olhar mais humanizado prolonga uma situação desconfortável para além do que



seria permitido. Neste ano, em meio aos atendimentos aos alunos e aos professores, com muitos estudantes que vieram de outras escolas sem seu histórico de vida, mas com uma simples declaração de escolaridade, deparei-me com um dos casos que me fizeram refletir sobre como temos lidado com determinadas situações críticas.

Fui sinalizada sobre uma das alunas no sexto ano de escolaridade que veio de outra unidade escolar e que não estava realizando as atividades propostas. Empenhei-me em fazer uma diagnose e, enquanto conversava com a aluna, perguntei a idade dela. Ela me respondeu: “Eu acho que tenho dezesseis”. Isso me apertou o coração. Perguntei-me como uma aluna chega ao sexto ano sem saber ler e escrever. A partir dessa situação, constatei que existem outros estudantes em situação semelhante, os quais são aceitos na escola, mas sentem-se excluídos do sistema, pois, na maior parte das vezes, acabam por se negar a participar das atividades pedagógicas. Por surgirem muitas perguntas na minha cabeça, vi a necessidade de investigar sobre o funcionamento da Sala de Recursos e sua funcionalidade no processo de inclusão.

Pretendo pesquisar as leis que regem o funcionamento dessa sala, quais alunos podem ser atendidos nela, quantos recursos podem ser oferecidos por meio dela e se podem ser estendidos à sala de aula regular. Além disso, quero investigar quais ações são empregadas no processo de inclusão do aluno e quais autores abordam sobre a Sala de Recurso e seu papel no processo de inclusão/exclusão. Também desejo realizar uma pesquisa de campo para verificar, na prática, como isso tem ocorrido na visão dos alunos, dos pais, dos professores regentes e dos professores da Sala de Recurso da unidade onde atuo.

O tempo de coleta de material deve ocorrer a partir do segundo semestre de 2022 e do ano de 2023. Essa ação visa ao levantamento dados teóricos que fundamentem o estabelecimento e a implantação da Sala de Recursos, bem como seu funcionamento; e à verificação, na prática, por meio de entrevistas com os envolvidos no processo, como isso ocorre.

Por ser pedagoga concursada no município de Magé, RJ, e estar inserida no contexto da Escola Municipal Maria Clara Machado, analisarei o processo de inclusão nessa unidade escolar. Dessa forma, acompanharei as turmas de sexto ano de escolaridade do Ensino Fundamental, pois nelas se encontra o maior número de alunos com histórico de dificuldades na aprendizagem, sendo que a maior parte já



frequentou a Sala de Recursos, mas atualmente não pode ser atendida por falta de laudo médico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todas essas experiências que eu vivi e estou vivendo estão me levando a voar pelo espaço da Pedagogia Social, o que tem enriquecido o meu trabalho como pedagoga, pois, em tempos tão corridos, em que não enxergamos verdadeiramente o outro, a Pedagogia Social leva-nos a pensar e investigar as necessidades dos vulneráveis, aprimorando o trato com o próximo.

Gratidão é a palavra que me vem à mente ao concluir este texto. Sou grata por fazer parte desse grupo que tem me oportunizado sair do senso comum, pois muitas experiências que vivi refletem a Pedagogia Social, e o grupo proporciona o embasamento das práticas por meio de teóricos que nos enriquecem e nos fazem ampliar a visão do campo de trabalho, além de termos a humanidade, o acolhimento e a aceitação do outro. Tudo isso me traz à memória a canção de Almir Sater e Renato Teixeira, pois já percorri várias estradas, mas pouco sei da vida. Mesmo sabendo que pouco sei, reconheço que ainda é tempo de ampliar meus horizontes.

Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais  
Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
De que muito pouco sei  
Ou nada sei.



## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Margareth Martins de. **Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras**. São Paulo: Expressão e Arte, 2015.

ARAÚJO, Margareth Martins (org.). **Pedagogia Social: Métodos, teorias, experiências, sentidos e criatividade**. Coleção: pedagogia, social para o século XXI - vol. 1. Curitiba: CRV, 2019.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – religião**. 2017. Disponível em: <https://www.alex.pro.br/BNCC%20Ensino%20Religioso.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2022.

BÍBLIA, N.T. Tiago. *In: Bíblia*. Português. Bíblia de Referência: Thonpson, com versículos em cadeia temática. Tradução de João Ferreira de Almeida, Flórida, EUA. 4. ed. São Paulo: Editora Vida, 1995. p. 1102.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2000.